

Evangélico cobra diálogo e clareza do governo Lula

Um limite entre nós

Passados seis meses de governo, o presidente Lula não consegue vencer a resistência de evangélicos à sua gestão

» VICTOR CORREIA

Fotografia: Igreja Renascer/Instagram

As vaias ao nome do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na Marcha para Jesus, na quinta-feira, em São Paulo, recolocaram em evidência a resistência do setor a apoiar o governo petista. Convidado pela organização, o chefe do Executivo mandou uma carta, explicando que não poderia comparecer, mas enviou a deputada Benedita da Silva (PT-RI) e o advogado-geral da União, Jorge Messias, como representantes — ambos são evangélicos (leia Saiba mais). Embora o gesto tenha sido bem recebido pelo presidente da Marcha, o apóstolo Estevam Hernandes, o público vaiou quando Jorge Messias citou o nome do presidente.

Lula enfrenta grande resistência do setor desde a campanha eleitoral. Os evangélicos apoiaram em peso o então presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL), que se associou a lideranças como o pastor Silas Malafaia e o bispo Edir Macedo.

Apesar do episódio na capital paulista, pesquisa de popularidade realizada pelo Ipec mostrou que a aprovação de Lula entre evangélicos aumentou de 24% em abril para 29% em junho. A taxa, porém, é menor que a de março, de 31%. No segmento, 33% consideram o atual governo regular, e 34%, ruim ou péssimo.

Além da rejeição evangélica — grupo majoritariamente conservador — à agenda de esquerda, pesa contra Lula o fato de que, mesmo com os acenos feitos durante a campanha, não houve medidas concretas até o momento em prol dos religiosos.

Durante o governo de transição, foi articulada a criação de uma secretaria para os evangélicos no Planalto, destinada a assessorar Lula no trato com o grupo. O órgão seria chefiado pelo pastor Paulo Marcelo Schallenberg, mas sua criação não ocorreu. Tampouco Lula incluiu lideranças evangélicas no "Conselho"

composto por empresários, sociedade civil e movimentos sociais, inclusive o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST).

Parte da resistência à inclusão dos evangélicos é de setores do próprio PT. Nas discussões sobre a criação da secretaria, a presidente nacional da legenda, deputada Gleisi Hoffmann (PR), declarou publicamente ser contra a medida e enfatizou que o assunto nunca foi discutido.

Mesmo lideranças evangélicas



Evangélicos na Marcha para Jesus, em que o nome de Lula foi vaiado: segmento reclama da falta de representatividade no governo

Sugestões para o presidente

Em 4 de maio, o presidente Lula criou o Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável (CDESS), também conhecido como "Conselho". Com 246 representantes — que vão de empresários a ativistas, artistas e intelectuais — o grupo tem por objetivo dar sugestões ao chefe do Executivo nas mais diversas áreas. O Conselho foi criado por Lula em 2003 e extinto por Jair Bolsonaro.

progressistas criticam a falta de diálogo de alas mais radicais da esquerda com o setor e classificam a postura como preconceito. Ainda assim, há expectativa de acenos efetivos do governo. Lula sinalizou a possibilidade de estudar uma redução maior da isenção de impostos para igrejas, mesmo tendo criticado, durante a campanha eleitoral, o fato de os templos terem privilégios. A medida pode ser discutida dentro da reforma tributária, em

Nelson Almeida/MPF



Lula tem evitado entrar na pauta de costumes para não criar mais atritos com os evangélicos

tramitação no Congresso.

O presidente também tem evitado entrar em discussões das chamadas "pautas de costumes", que poderiam causar grande atrito, não somente com

evangélicos, mas com outros setores conservadores também.

Entre elas, estão a liberação do aborto e a descriminalização de drogas — que deve entrar neste mês na pauta do Supremo

Tribunal Federal (STF).

Embora declarações de ministros causem desavenças para o governo — como o titular da pasta dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvío Almeida,

Saiba mais

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, convidado a participar da Marcha para Jesus, optou por passar o feriado de Corpus Christi na Bahia. O apóstolo Estevam Hernandes, da Igreja Renascer, organizador do evento, disse que o ato não tem caráter político e que o chefe do Executivo seria bem recebido pelos evangélicos. "Lula mandou uma carta muito bem elaborada, reconhecendo a importância da Marcha e se colocando à disposição. Por força de compromissos, ele não veio. Nós gostaríamos que ele viesse, por isso mandamos o convite. O recebemos como presidente, com muita alegria, porque a marcha é apartidária", sustentou. Na carta, Lula disse que um dos seus "maiores orgulhos" foi ter sancionado a lei que estabeleceu o Dia Nacional da Marcha para Jesus.

defendendo a descriminalização da maconha —, não foram estipuladas políticas públicas que abordem esses temas até o momento.

Sem diálogo

Ao Correio, o bispo Robson Rodvalho, fundador da igreja Sara Nossa Terra, disse que ainda há uma preocupação com o que o governo planeja para as pautas de costume. Ele destacou que não houve a construção de uma ponte para o diálogo.

"O governo está fazendo gestos positivos em relação às igrejas. Sinalizaram a questão dos impostos, mas a gente não entendeu muito bem o que seria essa proposta", frisou. "Mas o diálogo não aconteceu, nem sobre o que o governo pensa sobre os valores, medidas sobre aborto, ideologia de gênero, combate à pedofilia", acrescentou o líder evangélico.

Rodvalho ressaltou, porém, que ainda são poucos meses de gestão. Apesar das divergências em relação à campanha eleitoral e aos governos anteriores do PT, ele vê espaço para diálogo. "Ajustar expectativas. Se possível, as diferenças. A grande maioria da sociedade brasileira é cristã e está muito bem pontuada no ponto de vista desses valores", afirmou. "Nós esperamos que o governo faça um gesto, uma sinalização sobre o futuro das políticas de governo", enfatizou o bispo.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política Pagina: 2